

PREFÁCIO	9
O MANEIRISMO, CRISE DO PÓS-RENASCIMENTO EUROPEU, E A EMANCIPAÇÃO DOS PINTORES DE ÓLEO	
1.1. Conceito de Maneirismo como «estilo» e como «ideologia»	21
1.2. A situação maneirista em Portugal	32
O PINTOR, DE ARTESÃO MESTERAL A ARTISTA INDIVIDUALIZADO	
2.1. As «corporações» mesterais da Idade Média e o produtor de arte. Relações laborais e vínculos de classe	49
2.2. Modificações conjunturais operadas no primeiro terço do século XVI. Renascimento e Humanismo	57
2.3. O Maneirismo e o triunfo da individualidade criadora. O inquérito ordenado por D. Sebastião em 1576.	66
2.4. A movimentação dos pintores de óleo contra a tutela da Bandeira de São Jorge. A petição do pintor Diogo Teixeira (1577)	75
A DEMANDA DOS PINTORES DE LISBOA À CÂMARA MUNICIPAL EM 1612 E A LUTA PELA «LIBERALIDADE» E «NOBREZA» DA ARTE DA PINTURA	
3.1. Objectivos do agravo de 1612	85
3.2. Contradições da luta e aspectos reivindicativos	89
3.3. Reflexos: a luta do pintor de têmpera contra o pintor de óleo (1614)	96
3.4. Os pintores subscritores da demanda	100
4. A DEFESA DA «LIBERALIDADE» DA PINTURA NO PORTO	
4.1. A pintura maneirista no Porto e a luta por um novo estatuto social	133
4.2. A petição do pintor de têmpera Miguel da Fonseca ao Tribunal da Relação do Porto (1622)	145
4.3. Os pintores na Casa de Almotaçaria da Cidade	150
	479

5. A IRMANDADE DE SÃO LUCAS, INSTITUIÇÃO DE DEFESA DE CLASSE	
5.1. Historial da corporação dos pintores lisboetas: antecedentes, gênese, fulcro e desenvolvimento	157
5.2. A acção da Irmandade de São Lucas em prol da classe . . .	165
5.3. O pintor régio Amaro do Vale e o retábulo da Capela de São Lucas	169
5.4. A Irmandade de São Lucas em Guimarães (1688)	177
6. A SITUAÇÃO SOCIAL DOS PINTORES	
6.1. As modalidades do ofício	183
6.2. Os anos de servidão e aprendizagem	190
6.3. A examinação e a abertura de «loja»	204
6.4. As condições laborais nos «anos de euforia»	210
7. O RITUAL CONTESTATÁRIO DO MANEIRISMO E A SUA IDEOLOGIA NA PINTURA PORTUGUESA	
7.1. A defesa da pintura como arte liberal e nobre	229
7.2. As lutas de classes no Portugal dos séculos XVI e XVII e a «produção de imagens» durante a situação maneirista	238
7.3. O movimento proto-barroco e o novo estatuto social do pro- dutor de arte	256

ELENCO DOCUMENTAL

NOTA PRÉVIA	267
I) Lutas reivindicativas e manifestações de classe	269
II) Manifestações de associativismo de classe	285
III) Contratos de servidão e aprendizagem	293
IV) Examinação de pintores	309
V) Contratos e quitações de pintura a óleo — Contratos mistos — Pleitos	317
VI) Contratos e quitações de pintura de têmpera, de dourado e de estofado	347
VII) Situação económico-social dos pintores	361
VIII) Cargos e privilégios	375
ADENDA	389
ELENCO FOTOGRÁFICO	391
BIBLIOGRAFIA GERAL	441
AGRADECIMENTOS	475